

CRÍTICAS



Planeta Tela

Crítica de Celso Sabadin

Grande vencedor do Festival In-Edit Brasil 2015, onde ganhou os prêmios de Melhor Filme tanto pelo júri oficial como pelo público, “Yorimatã” é bem mais que um documentário musical. Ele é uma história de vida.

Com direção do estreante em longas Rafael Saar, o filme traça um panorama histórico-musical da dupla de cantoras e compositoras Luhli e Lucina, nomes marcantes do cenário musical alternativo brasileiro dos anos 70 e 80. Alternativo. Talvez seja esta a palavra condutora não só do filme como, principalmente, da maneira de viver muito especial da dupla.

Era uma época de transições. Se, por um lado, a contracultura dos anos 60 já dava sinais que estava sendo absorvida pelas forças destrutivas do mercado, por outro lado o cinismo monetarizado que marcaria os 80 ainda não havia se instalado definitivamente na vida social, artística e musical do Brasil. Restavam ainda alguns espaços de conquista alternativa, espaços estes que Luhli e Lucina decidiram ocupar com feroz determinação pacífica.

É marcante, no filme, o relato do momento em que a dupla é informada que, inadvertidamente, foi contratada por determinada gravadora com a única finalidade de ser colocada na “geladeira” do mundo musical. A estratégia era tirá-las do caminho dos “Novos Baianos”, que haviam assinado com a mesma empresa. Foi a gota. Luhli e Lucina decidiram jogar tudo para o alto para criar uma pequena, verdadeira e revolucionária sociedade alternativa, ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, marido das duas. Como? O filme explica.

Dividir suas vidas com um fotógrafo fez com que esta trajetória de sons, sentimentos e imagens dos três ganhasse farta documentação. É no mínimo preciosa a quantidade e a qualidade de material de arquivo que o longa traz, não apenas de shows da dupla, como principalmente de ternos registros desta nada ortodoxa vida em comum.

“Yorimatã” também acerta em cheio ao não se render à regra não escrita do mercado exibidor que documentário deve ser curto. As suas quase duas horas de projeção são necessárias e muito bem-vindas para que o filme possa brindar o público não somente com trechos da vasta, belíssima (e pouco conhecida do grande público) obra da dupla, como também com algumas de suas canções saboreadas na íntegra, deliciosamente sem pressa, sem a ansiedade dos cortes rápidos da linguagem televisiva. “Yorimatã” é puro cinema.

Com direito a registros e depoimentos com Ney Matogrosso, Joyce Moreno, Gilberto Gil, Tetê Espíndola, Alzira Espíndola, Zélia Duncan, Antonio Adolfo e Luiz Carlos Sá, entre outros.

CRÍTICAS



Vertentes do Cinema

Crítica de Fabricio Duque

“Yorimatã”, assistido na Semana dos Realizadores de 2014, apresenta-se muito mais como uma investida-apaixonada do estreador diretor Rafael Saar que um mero exemplo de experimentação cinematográfica, principalmente por abordar vida, obra, existência, passado e presente da dupla musical Luli e Lucina (compositoras, cantoras, percussionistas, violonistas e violeiras) e também pelo minucioso trabalho das imagens de arquivo (em Super 8). Aqui, a narrativa de gênero biográfico (com videoclipes completos) aprofunda sem medos e ou pudores uma época de “ouro” criativo da música popular brasileira, com suas referências, interferências, conduções, limitações, censuras, drogas, amor-sexo livre (o “escândalo era o amor”) na comunidade “hippie” (como “as crianças que “sumiam três/quatro dias e voltavam em bando com outras - “sem autoridade burra”) e um elevado nível de união solidária. Este filme é catártico, sinestésico, intimista, nostálgico, contemplativo, desafiador, datado, de apresentação em transe (pela conexão incondicional à natureza - na floresta) e acima de tudo, um documento (antigo) antropológico de se preservar a história e perpetuar a lembrança-memória, tudo pela presença da câmera livre, respeitosa e com atmosfera caseira. Aqui, conta-se (narração descritiva-coloquial-cúmplice-espontânea - “fiquei felizinha”) sobre a família, começo (a “garagem musical”), desenvolvimento (as primeiras músicas no rádio), conflitos, dificuldades, sucessos e reviravoltas pela estética classicista do modelo entrevista e contagem dos “causos”, da “música, a maior companhia”, e da liberdade sem tabus, sem “definir nada”, “só de ser”. Elas surgiram no VII Festival Internacional da Canção, em 1972, na Rede Globo, com a música “Flor lilás” - arranjos de Zé Rodrix. Com mais de 800 músicas compostas em parceria, quem mais gravou a dupla foi Ney Matogrosso (amigo de longa data e que também integra o “elenco” deste filme), além das Frenéticas, Nana Caymmi, Tetê e Alzira Espíndolla, Joyce, Rolando Boldrim e Wanderléa. Nos anos 70, Luli e Lucina foram morar em um sítio em Mangaratiba - litoral do Rio. Lá viveram o sonho da vida comunitária, e ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca criaram um estilo novo e límpido de qualidade literária única, mesclando “todas” as “raízes brasileiras”, debruçando-se sobre o fazer manual dos instrumentos africanos, sobra a tradição da umbanda, sons de taças e “energia vertical”. “Todo músico é meio mágico, porque mexe com coisas invisíveis”, diz-se. É um filme família, integrando espiritismo, espiritualidade e “dinâmica do caboclo”. “Regras existem para serem quebradas graciosamente”, poetiza-se com tambor e plateia com sensação de banho de cachoeira, entre a “nata ancestral da música” (Beth Carvalho, Elis Regina, Nara Leão - grupo manifestando “samba de protesto”). “Eram músicas que falavam no feminino em 1968, por exemplo, Meu Homem”, lembra a cantora Joyce. O documentário passa pela história musical, fílmica e política do Brasil. A câmera, como espectador, observa e interage.

CRÍTICAS



“Era uma alquimia”, diz-se por imagens animadas e (ecto) plasmáticas, por tempo “imperceptível” de “coisas etéreas”, de microcosmos existencial, por passagens com música ibero-ciganas. A nostalgia é vívida, como uma máquina do tempo de “emoção sincera” por lembrar sonhos que “azedaram”, retorno ao “sítio” e seu “cotidiano criativo” (“Nos impregnamos de nós mesmos”; “Cruzar os braços também é política” - nesta é quase impossível não referenciar a “Ensaio Sobre a Lucidez”, de José Saramago; e “Nós temos música para todo mundo”). Uma experimentação transcendental de estilos, parcerias, épocas, a “força de uma verdade”. O diretor disse que o que o estimulou a realizar o documentário foi a “potência delas” (“a vida é feita de escolhas”). Sim, Luhli e Lucina souberam aproveitar cada momento de suas existências. Sim, “Yorimatã” é o resultado desta “viagem” ultra mega interessante pelo universo político e cultural brasileiro. Talvez o único “impedindo” deste longa-metragem seja sua duração e sua repetição temática, ou talvez não, se olharmos por um outro ponto de vista, a da admiração máxima de seu diretor, avistaremos a liberdade plena, livre, de dar “asas” às inúmeras histórias bem à moda do livro “Mil e Uma Noites”. A dupla acabou em 1998. Luhli, em carreira solo, com seu show “O Ney e eu”, tendo o repertório de suas composições. Lucina lançou em 2009 o álbum “+ do que parece”, que traz parcerias parte de quase uma centena de composições inéditas com Zélia Duncan. Recomendado.

Rede Brasil Atual

Crítica de Xandra Stefanel

“Yorimatã é uma palavra mágica (...) Quer dizer 'salve a criança da mata'. Era o nome de uma música nossa, depois virou o título de um show, o subtítulo do nosso segundo LP independente e se tornou mais do que isso. É uma palavra de abre-alas, de abre-caminhos: 'Yorimatã!' E tudo dá certo! É um talismã”, explica Luhli na abertura do documentário dirigido por Rafael Saar, que estreia nos cinemas amanhã (7).

O filme Yorimatã conta a fascinante história da dupla Luhli e Lucina, cantoras, compositoras e multi-instrumentistas que fizeram mais de 800 composições e traduziram a liberdade para a linguagem musical. São elas as autoras dos clássicos O Vira, eternizado pelo grupo Secos e Molhados, e Bandoleiro e Fala, canções que ficaram famosas na voz de Ney Matogrosso, que participa do documentário. Além dele, dão depoimentos sobre a dupla Gilberto Gil, Joyce Moreno, Tetê Espíndola, Alzira Espíndola, Zélia Duncan, Antonio Adolfo e Luiz Carlos Sá, da dupla Sá e Guarabyra.

FamíliaMais do que resgatar a enorme importância e o pioneirismo de Luhli e Lucina para a Música Popular Brasileira, Yorimatã mostra como a dupla desafiou regras sociais e do mercado fonográfico nas décadas 1970 e 1980. Além de serem consideradas as primeiras mulheres a tocar percussão e de terem rompido com gravadoras em nome da liberdade artística, as duas viveram intensa e longamente

CRÍTICAS



uma história de amor a três com o fotógrafo e cineasta Luiz Fernando Borges da Fonseca.

“A gente teve quase três anos de amizade mesmo. A gente viajava, a gente curtiu muito. Um belo dia, o Luiz deu uma declaração: 'Tudo bem, eu já conversei com a Luhli'”, lembra Lucina no filme. “Então, em vez de eu perder ele e ela, eu abri. E ele passou a ter em mim uma confidente. Isso criou uma nova dimensão de cumplicidade entre nós, que varreu as brigas, e a relação se reciclou. Ela salvou o nosso casamento (...) Nós éramos, mais que tudo, três pessoas juntas. Por acaso era um homem e duas mulheres. A energia circulava para todos os lados. E, desde o começo, sempre houve uma quarta pessoa, que era a própria música, que tomava um tempo enorme, uma dedicação enorme”, declara Luhli.

Ney Matogrosso afirma no longa-metragem que não é possível dissociar a música de Luhli e Lucina do modo de viver do trio: “Nunca consigo ver vocês apenas como artistas. Eu vejo a existência de vocês naquele contexto de vocês duas e do Fernando. E eu vi que houve uma reação de muita gente a vocês. Porque vocês eram uma coisa que talvez fosse idealizada por muita gente, mas que ninguém realizava. Vocês realizaram às claras. Eu sei que o fato de vocês terem realizado tudo às claras afastou muita gente, mesmo assim, vocês exiladas, disseram 'Não tem impotência, nós estamos exiladas mas estamos com a verdade'. Enfrentaram as famílias, a hipocrisia organizada da sociedade, que é [assim] até hoje. E eu pensei: 'Não estou sozinho neste mundo'”, confessa o cantor.

Gilberto Gil, por sua vez, valoriza a diversidade musical da dupla, que teve forte influência dos batuques da umbanda: “Na coisa de vocês, a gente percebe as raízes brasileiras todas, as urbanas e as interioranas. O Brasil todo é perpassado por essa coisa negra... Todo mundo logo cedo batucou alguma coisa, trocou as pernas, sacudiu os pés”, diz.

Yorimatã faz um passeio sonoro pela música, pela vivência hippie de amor livre e desapego material, pela intensa conexão com a natureza e seus mistérios, pela inspiração vinda da umbanda, passando pela construção dos próprios instrumentos musicais e pelo preconceito que a dupla sofreu por causa do relacionamento a três.

Rafael Saar usa em seu filme imagens de arquivo (muitas delas registradas por Luiz Fernando) e atuais para contar uma história cheia de magia e de coragem de duas talentosas mulheres muito à frente de seu tempo. Uma história emocionante de duas artistas que viveram intensamente a busca pela liberdade e cuja obra tem valor fundamental para a cultura brasileira.

CRÍTICAS



O Globo

Crítica de Ruy Gardnier

Retrato melódico de um tempo de utopia

A trajetória existencial/musical da dupla Luli (hoje Luhli) e Lucina (outrora Lucinha) dá muito pano para manga: elas foram pioneiras das gravadoras independentes no Brasil, fizeram parte da utopia hippie comunitária dos anos 1970, montando sítio em Mangaratiba, e viveram conjugalmente com o fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca. Tamanha liberdade diante da moral vigente à época também se revela na música, do canto altamente melódico às batidas dos atabaques de umbanda. O som que brotava era espontâneo e telúrico, como pedia a vida. Não à toa, fascinou Ney Matogrosso, Joyce e Itamar Assumpção (todos aparecem no filme).

Diante desse tema, se “Yorimatã” fosse um documentário objetivo e explicadinho, a mágica se perderia toda. Assim, o diretor Rafael Saar toma a certa decisão de deixar a história se construir no tempo dela, compondo mais um retrato musical do que uma narrativa. Talvez tenha ficado com mais cara de filme de família do que o necessário, mas ainda assim “Yorimatã” impacta pela força elementar de Luhli e Lucina.

Quadro por Quadro

Crítica de Roger Batista

Yorimatã, documentário experimental que chega hoje aos cinemas, primeiro longa de Rafael Saar, remonta a história de Luhli e Lucina, duas das grandes artistas da década de 70 e 80, que não apenas pela sua obra mas pela sua vida dão, de maneira ímpar, uma importante contribuição para o cenário musical brasileiro.

O filme nos passa a sensação de sermos transportados e por vezes – principalmente pelos vídeos e relatos da época – nos convida a vivenciar a vida de ambas as artistas. Elas formam uma família ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca. Ele registrou a vida deles em filmes 8mm, daí a riqueza de detalhes do longa documental.

O longa está repleto de relatos sobre as descobertas musicais da dupla, além de contar com imagens exclusivas do começo da carreira das artistas, bem como depoimentos de importantes personalidades da música como Ney Matogrosso e Gilberto Gil. Tais depoimentos exponenciais, cheios de elogios, colaboram para mostrar a importância das personagens centrais na música brasileira.

Yorimatã além de ser um importante relato sobre amor, paixão pela música e natureza, é um grande manifesto contra a normatividade, conseguindo intercalar as personas privada e pública destas duas mulheres, mostrando como sua ideologia

CRÍTICAS



não militante pode se transformar em um ato político. Fora isso, o filme ainda tem traços muito fortes da religiosidade afro-brasileira.

O documentário, como um grito que saúda a criança da mata tem muito dessa atmosfera setentista e uma ligação muito forte com a natureza. E a musicalidade que provém desse encontro entre sensibilidade, amor e energia que vem da terra. Excelente opção para os amantes de MPB.

TelaTela

Crítica de Diego Olivares

Rafael Saar fazia pesquisa para o documentário Olho Nu, de Joel Pizzini, sobre Ney Matogrosso, quando começou a prestar atenção nos nomes que assinavam algumas das composições mais famosas do repertório do cantor. A dupla Luhli e Lucina estava por trás de sucessos como 'Bandoleiro', da fase solo de Ney, 'O Vira' e 'Fala', estas presentes no disco de estreia dos Secos & Molhados (1973).

Saar foi então atrás das mulheres, que poucos conheciam e pareciam envoltas em um ar de mistério. Quando finalmente conheceu-as, ficou tão encantado que resolveu fazer seu primeiro longa metragem, para contar esta rica trajetória.

Assim surgiu Yorimatã, documentário que chega agora ao circuito comercial de cinema após passagens importantes por festivais como a Mostra de São Paulo, em 2014, onde foi eleito um dos preferidos do público, e o In-Edit de 2015, em que levou os troféus de melhor filme pelo júri oficial e pelo público.

Nada mal para uma produção independente, que estreia nas salas graças a uma campanha de financiamento coletivo. Acaba sendo um passo fiel à carreira de Luhli e Lucina, elas próprias pioneiras em gravar e lançar seus trabalhos por conta própria, uma vez que fugiam das gravadoras interessadas em rotulá-las em categorias que acabariam por reduzir sua força. Como contam no filme, chegaram a receber uma proposta para ficarem no catálogo infantil.

Elas queriam liberdade de qualquer convenção. Mergulharam nos batuques do candomblé e da umbanda, se isolaram do mundo num sítio numa pequena cidade do litoral carioca, viveram por anos numa relação a três, completada por Luiz Fernando Borges da Fonseca, com quem formaram uma harmoniosa família. Transformaram tudo isso em música.

O documentário é um resgate e também uma grande homenagem. Com olhar de admirador, Rafael Saar parece ter uma missão clara com seu documentário: mostrar para mais gente a beleza desta história. Esta narrativa de exaltação é sustentada por muitas imagens de arquivo pessoal, registros de shows e ótimas fotos tiradas por Fonseca, parceiro de vida das duas.

CRÍTICAS



O time de participantes em cena é reforçado com as aparições de Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Tetê Espíndola e Zélia Duncan, sempre em tom de conversas intimistas, e não como depoimento formal.

Sem levantar bandeiras ou assumir uma postura excessivamente discursiva, Luhli e Lucina são personagens que vêm bem a calhar neste momento em que tanto se fala sobre diversidade. À sua maneira, levaram a vida que as fez feliz, livre de julgamentos e patrulha ostensiva. Pena que para isso tiveram que viver muitos anos em um exílio voluntário, se retirando de uma sociedade que tem dificuldade para lidar com o diferente.

Pipoca Moderna

Crítica de Antonio Carlos Egypto

Yorimatã resgata a carreira musical de Luli e Lucina

“Yorimatã” é um documentário que procura recuperar a rica história musical da dupla de cantoras e compositoras Luli e Lucina, que esteve no centro dos acontecimentos da MPB, nas décadas de 1970 e 1980. Conviveu e trabalhou com grandes talentos desses períodos, mas, por razões diversas, sempre acabou se afastando da ribalta, sem poder colher os frutos de seus inegáveis méritos. Para viver o amor que pulsava entre elas, junto com a música. Para construir uma família a três, com o fotógrafo Luís Fernando Borges da Fonseca. Para viver uma vida hippie no mato, longe da cidade, em economia de subsistência, por opção ideológica. E, também, retornando às origens da natureza, quando um câncer acometeu Luís Fernando, para estar com ele na doença.

Com tantos percalços e opções viscerais ou radicais, a dupla não alcançou o sucesso que sempre esteve por perto. Mas tem muito o que mostrar, nas imagens recuperadas das filmagens em VHS e fotos que Luís Fernando registrou por longos anos. E nos depoimentos atuais delas, de Gilberto Gil, Zélia Duncan, Tetê Espíndola, Ney Matogrosso, Antonio Adolfo, Joyce e outros mais. Para quem não conhece, ou conhece pouco, o filme mostra as músicas e o universo cultural da produção delas muito bem.

O título “Yorimatã”, segundo a dupla, é uma espécie de palavra mágica que significa “salve a criança da mata”. Primeiro longa do diretor Rafael Saar, o filme venceu o festival In-Edit Brasil, dedicado a documentários musicais.

CRÍTICAS



Anti-dicas de Cinema

Texto de André Kleinert

Documentários sobre música virou uma prática mais que recorrente no cinema brasileiro contemporâneo. Praticamente todos os grandes nomes do cancioneiro nacional e os gêneros mais expressivos do país já mereceram um filme (alguns, até mais que um). Até mesmo a apreciação de tais obras, tanto por parte de público quanto de crítica, acaba recebendo uma abordagem diferenciada, pois mesmo quando a produção em si não é grande coisa, o fato de estar trazendo para a tela grande a arte e a vida de algum grande nome ou os meandros de um estilo muito estimado acaba tornando a experiência cinematográfica em questão algo no mínimo válido. Dentro desse panorama, “Yorimatã” (2014) se mostra como uma obra singular. Ao abordar a trajetória artística e pessoal da dupla de compositoras e cantoras Luhli e Lucina, o documentário do diretor Rafael Saar cumpre um papel multifacetado, afetando o espectador por diversos fatores – é informativo e didático por tornar mais conhecidos fatos relativos a artistas que são obscuras para o grande público (apelar delas terem composto sucessos antológicos para os Secos e Molhados e para a carreira solo de Ney Matogrosso); é sensorialmente rico ao conseguir transformar em narrativa visual a musicalidade expansiva de suas biografadas; é pungente ao evidenciar a sensibilidade à flor-da-pele e o caráter libertário da arte e vida das protagonistas; é estimulante na sua dinâmica cinematográfica, ao combinar com concisão e leveza os elementos tradicionais desse tipo de produção (números musicais, imagens de arquivo, depoimentos e imagens contemporâneos). O resultado das acertadas escolhas estéticas e temáticas de Saar é um documentário de narrativa que encanta sem fazer perceber as horas passando e que dá uma baita vontade de ir atrás dos discos e canções de Luhli e Lucina. O que mais poderia se esperar de um documentário musical?

Forumdoc.bh 2015 – Catálogo

Jair Tadeu da Fonseca

Amor e música em Yorimatã

sobre filme de Rafael Saar

Felizmente, têm sido realizados muitos documentários sobre as cenas musicais brasileiras dos anos 60 e 70, muitos deles enfocando com viés biográfico

CRÍTICAS



algumas de suas figuras fundamentais, sendo que esses filmes, além de rever essas cenas pelos olhos e ouvidos contemporâneos, ainda trazem à tona imagens e sons de arquivos quase sempre raros. Isso cria e disponibiliza outro arquivo – um *arquivarquivo* – precioso para quem se interessa pela música brasileira, o que também significa interesse pela vida brasileira em seus vários aspectos, pois tudo está nessa que é provavelmente a nossa manifestação artístico-cultural mais poderosa, prolífica e de maior alcance. Entretanto, infelizmente, nem toda essa vasta produção audiovisual recente sobre o assunto dá a devida importância ao que nela seria fundamental: a própria música, em relação às imagens da vida que a gera. Muitas vezes, são frustrantes os modos e as formas com que a música parece estar em muitos filmes e vídeos: como mera ilustração de algo, quando, por exemplo, a música é logo interrompida, com frequência, para se introduzir o depoimento “sabido” de alguém sobre a personagem ou o assunto em pauta, sem nenhuma ou com pouca consideração por algo fundamental tanto à música quanto ao cinema: o ritmo.

Felizmente, não é o caso de *Yorimatã*, em que se respeita o tempo das músicas, sua duração, percebendo-se com isso sua relação com o tempo biográfico das figuras retratadas, com as diversas temporalidades da história cultural brasileira e, como veremos, até mesmo com um 114 (im)possível *fora do tempo* – ou um tempo místico invocado e evocado pelos tambores da umbanda e pelos cantos e danças de Luhli e Lucina, cuja história extraordinária é objeto e principalmente sujeito do belo filme de Rafael Saar, o qual faz jus a essa dupla das mais importantes e menos reconhecidas da vasta história de nossa música popular. Em *Yorimatã*, há ritmo de som e imagem, sem linearidade cronológica, mas ritmo condizente com a vida em obra das figuras retratadas. Quem conheceu canções de grande sucesso na década de 1970, com os Secos & Molhados, como “O vira” e “Fala”, deveria saber que uma de suas autoras constituiria uma dupla musical feminina sofisticada, original, e praticamente única enquanto parceria tão fértil, pois, na história marcadamente patriarcal de nossa música, houve poucas mulheres a se dedicarem à composição, execução instrumental e vocal, sendo que, como apontado no filme, provavelmente as protagonistas foram as primeiras percussionistas a mandarem as mãos nas peles nos tambores, além de serem exímias violeiras, violonistas, cantoras e letristas, neste aspecto capazes de mesclarem a confissão íntima à paixão cósmica.

*Repousa além da desdita
E além do fado
O oculto e belo significado
Dessa mágica atração
Tão lado a lado
Lua e Terra, Terra e Lua
Pulsando no ventre da natureza nua
Lua e Terra, Terra e Lua.*

CRÍTICAS



Aliás, num dos depoimentos do filme, outra pioneira, Joyce, relata o quanto foi considerado afrontoso, no final dos anos 60, uma garota como ela escrever e interpretar uma canção com a expressão “meu homem”. E, junto à originalidade da música de Luhli e Lucina, nesse aspecto cultural mais amplo, relativo à hipocrisia social em face à liberdade feminina, saliente-se o modo delicado e natural com que o filme trata a relação amorosa da dupla com o fotógrafo e cineasta Luiz Fernando Borges da Fonseca, o qual não gostava de ser filmado, e 115 com quem cada uma teve dois filhos, criados juntos, sem esconder que isso também foi difícil devido aos problemas gerados pela situação, principalmente em termos das respectivas famílias, pois estas não foram capazes de aceitar que outros tipos de família e outros modos de vida seriam possíveis. Nesse aspecto, Yorimatã trata, de modo mais original do que os demais filmes sobre o assunto, da chamada contracultura no Brasil, ou seja, das rupturas comportamentais, em termos de reinvenção, em liberdade, das relações amorosas e das vidas pessoais, familiares, comunitárias e sociais, por parte de setores da juventude, em plena ditadura política. Aliás, essa outra dimensão política, *menor*, que pareceria alheia à “grande” política, mas se volta contra ela, é evidenciada no filme. A contracultura sempre esteve muito ligada às manifestações artísticas, principalmente à mais popular delas, a música, mas nos documentários a respeito ainda são poucas as considerações da sexualidade, ainda mais numa perspectiva feminina dessa reinvenção das relações eróticas, inclusive num sentido mais amplo que o das relações sexuais: o erótico no sentido de força criativa e criadora.

*Coração aprisionado
Não canta, não canta, amor
Há uma fera à solta,
À solta, amor,
Dentro de mim.*

No caso de Luhli, Luiz Fernando e Lucina, em vez de possessividade, ciúme, competição e ressentimento, tão comuns nas relações ditas amorosas, o que houve foi amor, fraternidade e criatividade, devido à co-laboração estabelecida no seu viver, amar e trabalhar em conjunto e conjunção. Muitos dos preciosos registros de arquivos visuais presentes em Yorimatã vêm de filmagens feitas por Luiz Fernando, também cenógrafo em alguns dos shows da dupla, junto a imagens de filmes e vídeos raros, de outras procedências. Na capa de seu primeiro álbum, *Luli & Lucinha* (elas mudaram de nomes), há uma bela foto, feita por Luiz, das silhuetas frontais, distorcidas, de Luhli e Lucina, que parecem se 116 alongar e se ligar em fundo dourado de sol, numa alusão provável tanto à vida em frente à aurora do mar de Mangaratiba, em Filgueiras (lugar onde viveram por muito tempo em comunidade e comunhão), quanto talvez à luz e à lourice-ruivice das duas. A animação dessa fotografia cria um balé no documentário, com fusão e separação da imagem dupla. Também chamam a atenção no filme as cenas e sequências de Luhli e Lucina, tomadas recentemente, nos mesmos lugares onde viveram sua juventude,

CRÍTICAS



salientando-se principalmente sua *re-ligação*, inclusive no sentido religioso, muito tempo depois da separação da dupla, como se constata nas sequências do mar e principalmente das matas, dos riachos e cachoeiras, sendo que numa delas as amigas se benzem/ são benzidas pelas águas. Junto a depoimentos sobre esse sentimento religioso que as impulsiona, temos também importantes imagens e sons dos tambores tocados por elas para invocar e evocar os espíritos da natureza e das forças afro-indígenas valorizadas pela umbanda, presente também nas performances coreográficas de Luhli e Lucina, conforme registros de shows em que é nítida a inspiração das giras...

*E faço fogo okê aruê
Ah e espero a aurora
Eu quase dois eu mulher
Ah eu quase árvore, ah eu mulher.*

Com exceção do primeiro álbum, a percussão da umbanda convive, em grande parte de sua produção musical, com elementos de bossa nova (manancial original de ambas e de grande parte dos músicos de sua geração), samba novo, folk rock psicodélico, música caipira, *latinoamericanidad* e estilização de cânticos indígenas, resultando algo de muito próprio dessa mistura toda. Não por acaso, nos anos 80, há uma aproximação dessa dupla, digamos, pós-tropicalista, de outros músicos inclassificáveis da chamada “vanguarda paulista”, entre eles, Itamar Assumpção. Como Yorimatã revela, através de comentários das artistas, a gravação, produção e distribuição independentes foram o pioneiro caminho de liberdade para quem não queria se submeter às injunções da indústria fonográfica, já na fase de controle e formatação 117 de seus “produtos” e mesmo do estabelecimento de nichos vendáveis através de canais e códigos de identificação fácil. Apesar da sua capacidade de fazer música pop sofisticada, demonstrada nas muitas de suas canções gravadas por Ney Matogrosso, Luhli e Lucina não tiveram seu pão forte e nutritivo comido pela massa. Injustamente, a maioria de suas muitas centenas de canções sequer foi gravada ou divulgada. Mas certamente toda essa música foi bem vivida. Mesmo porque as duas heroínas dessa história abdicaram à chance de estabelecer uma carreira profissional, nos momentos dolorosos da doença e morte de seu parceiro, carreira que só foi retomada tardiamente, e continua ainda, em seus caminhos separados, embora confluentes, como nesse filme. Sem concessões às gravadoras e ao “gosto do grande público” forjado por aquelas, Luhli e Lucina só fizeram concessões ao amor.

Carlos Alberto Mattos

Para alguém como eu, que quase nada conhecia da dupla Luhli e Lucina, foi uma revelação e tanto. Dos anos 1970 aos 90, elas viveram uma espécie de portfólio dos sonhos de vida alternativa e criativa: amor inclusivo, família expandida, utopia

CRÍTICAS



autossuficiente, consciência ampliada por drogas, invenção artística quase permanente, quebra de barreiras entre cotidiano doméstico e atividade de criação.

Elas mesmas, e quase mais ninguém, recordam suas histórias e fazem um balanço do tanto que viveram e compuseram juntas. Outros personagens, como Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Tetê Espíndola e Zélia Duncan, contracenam com as duas em evocações mais musicais que qualquer outra coisa. A narrativa conduzida na primeira pessoa do plural determina alguns saltos um tanto bruscos e alguma desorganização na exposição de tempos e lugares, mas felizmente o filme de Rafael Saar não depende muito de questões estruturais. Sua força está na presença atual das duas e no magnetizante material de arquivo reunido. Lá estão diversas apresentações antológicas da dupla e muitas cenas da vida privada, colhidas pelo fotógrafo e cineasta Luiz Fernando Borges da Fonseca, morto em 1990 e com quem as duas viveram harmoniosamente e tiveram dois filhos cada uma.

Além de trazer mais à luz a originalidade multiétnica das compositoras e o seu talento performático, YORIMATÃ funciona hoje como um necessário manifesto anticonservadorismo. O desassombro libertário, profundamente honesto, de Luhli e Lucina comprovou ser mais que um delírio hippie. Ficou como exemplo de afetividade integral que resiste aos desencontros da vida.”

CinePipocaCult

Amanda Aouad

Luli (Luhli) e Lucina são um caso a parte na música popular brasileira. Compositoras de diversas canções gravadas por grandes nomes, cantoras e instrumentistas com seus próprios discos independentes, foram amigas e dividiram tudo, inclusive o marido. O documentário Yorimatã de Rafael Saar desbrava um pouco da história dessas duas.

Yorimatã, que significa salve a criança da mata, é uma música da dupla, mas se tornou algo mais. Uma espécie de palavra-chave para abrir caminhos, como elas mesmo explicam no documentário. E Rafael Saar fez de seu filme exatamente isso. Uma construção bastante particular para tentar documentar a particularidade que eram e são essas duas mulheres.

O filme não possui um roteiro muito claro, nem uma ordem cronológica. Vamos imergindo no mundo de Luli e Lucina com a força do pensamento, das lembranças, dos significados de cada gesto para ambas. Sempre mesclando depoimentos atuais com imagens de arquivo.

Há muita imagem de arquivo, registradas, principalmente, em uma super oito pelo fotógrafo Luiz Fernando da Fonseca que foi marido das duas. Quase não há registros dele, que sempre foi muito reservado, mas viveu com essas duas mulheres o ideal de amor livre, em um triângulo que pareceu funcionar perfeitamente enquanto ele foi vivo.

CRÍTICAS



O choque da sociedade ou mesmo do resto da família não parecia incomodar tanto. Mesmo no depoimento dos filhos, há uma naturalidade ao tratar do tema “Sim, tenho duas mães. Pai é só um.”, conta uma das filhas como era explicar sua família no colégio. E ainda que gere curiosidade, não é mesmo o ponto principal do encontro das duas.

O que importa e é o que mostra Yorimatã é que esse encontro de almas tinha uma “filha”, “amante” e “mãe” muito forte que era a música. Tudo em Luli e Lucina era música. Não por acaso, ambas acabaram frequentando a Umbanda onde a música é uma forma de se ligar à divindade. Música e Natureza, que foram os dois pontos principais da relação e vida das duas.

Elas que começaram na música ouvindo João Gilberto, encantadas com Desafinado e Chega de Saudade, se tornaram também símbolo feminista, já que era raro compositoras mulheres. Elas chegam a citar o preconceito sofrido. “Uma música dessa qualidade não pode ter sido feita por uma mulher” ouviram certa vez.

As participações especiais de Zélia Duncan e Joyce também reforçam essa importância da valorização da música composta por mulheres. Joyce chama a atenção inclusive da inclusão do adjetivo feminino nas letras, pois antes, mesmo sendo compostas por mulheres, as músicas falavam no masculino tipo “eu sou um ser que chora”.

Yorimatã é, então, uma celebração. Celebração da vida e encontro dessas duas mulheres. Da coragem de ambas de viver conforme a sua vontade e desejo, sem rótulos. E principalmente, de sua música que ainda ecoa e ganha significado. Não por acaso foi o grande vencedor do In-Edit 2015.

Notas Musicais

Mauro Ferreira

Ao contar no documentário *Yorimatã* a história incomum de Luli & Lucina, dupla que rompeu padrões musicais e comportamentais nos anos 1970, o cineasta Rafael Saar optou por focar as cantoras e compositoras com naturalidade, sem jamais pesar a mão em temas que sempre foram simples para as protagonistas do filme, por ora exibido somente no circuito de festivais e mostras de cinema. De início lenta, a narrativa primeiramente situa Heloísa Orosco Borges da Fonseca - a carioca

CRÍTICAS



Luli, que alterou seu nome artístico para Luhli nos anos 1990 - e Lúcia Helena Carvalho e Silva - a mato-grossense Lucina, que já foi Lucelena na década de 1960 e Lucinha de 1972 a 1982 - em seu *habitat*, a mãe natureza, que pariu um cancionista propagado em escala nacional na voz de Ney Matogrosso, intérprete original de temas como *O vira* (parceria de Luli com João Ricardo, 1973), *Pedra de rio* (1975) e *Bandolero* (1978). Imagens de rios, matas e do nascer do sol povoam essas cenas iniciais em que se ouve e vê as cantoras darem vozes às músicas *Yorimatã okê aruê* e *Pois é*, lançadas pela dupla em seu primeiro álbum, um dos pioneiros títulos brasileiros da produção fonográfica independente. Quando o espectador já começa a se habituar ao ritmo vagaroso de *Yorimatã*, apropriado para focar cantoras e compositoras que sempre caminharam no seu próprio passo e no ritmo de sua música, alheias às pressões e tensões urbanas, o roteiro começa a puxar o fio da meada, em ordem cronológica, para situar Luhli & Lucina no tempo e no espaço da música popular brasileira. É quando o filme engrena, misturando passado e presente. O passado é retratado através de valiosas imagens do cotidiano da dupla, captadas em Super-8 pelo fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, companheiro simultâneo de Luhli e Lucina, morto em 1990, vítima de câncer. O presente é enfocado através dos depoimentos das protagonistas dessa história única e dos reencontros de Luhli & Lucina com nomes como Joyce Moreno e Gilberto Gil. Com Joyce, o papo faz sentido pelo fato de Luhli & Lucina terem feito uma música, *Doçura forte*, para a colega carioca. Gravada por Joyce no álbum *Água e luz* (EMI-Odeon, 1981), *Doçura forte* é ouvida no filme no encontro em que entra em pauta o pioneirismo de Joyce na adoção de discurso feminino na música brasileira. Já o papo com Gil - ilustrado ao som de *Cantei com o baiano*, música gravada pela dupla no álbum *Por que sim Por que não?* (Leblon Records, 1991) - resulta mais vago, com elogios genéricos de Gil. Com Ney Matogrosso, intérprete mais identificado com a ideologia libertária da dupla, o reencontro gera nova abordagem de *Pedra de rio*. Contudo, são os depoimentos retrospectivos de Luhli e Lucina que costuram o roteiro, de forma bem amarrada, e que situam o espectador que por ventura desconheça a opção das cantoras por viverem, a três, com Luiz Fernando, um sonho hippie, materializado em sítio à beira-mar localizado em Filgueiras, na cidade fluminense de Mangaratiba (RJ). Lá, cresceram nos anos 1970 os filhos (dois de Luhli e dois de Lucina, todos com Luiz Fernando), a obra (inspirada pela natureza e pelo cotidiano simples) e a certeza de que era viável um novo estilo de vida. "O escândalo da nossa história foi amor", resume Luhli, adolescente tímida salva pelo gongo do violão. Luhli conheceu Luiz Fernando em 1963 e casou com ele em 1977. Antes somente amiga de Luhli, Lucina entrou na história (de amor) somente nos anos 1970, pagando preço alto pela liberdade de viver um casamento a três, como a própria Lucina conta em cena que quebra a atmosfera de encantamento romântico na qual se ambienta *Yorimatã*, filme batizado com o nome do álbum lançado em 1982 pela dupla. "Nós nos cruzamos na espiral da vida", sintetiza Luhli. Ao focar com naturalidade as escolhas de Luhli e Lucina nessa espiral da vida, Rafael Saar fez um filme sensível, delicado, entranhado na mãe natureza e embebido do espírito

CRÍTICAS



indomado do cancionero dessas cantoras, compositoras e multi-instrumentistas que bateram seus tambores para chamar o vento da liberdade na música e na vida.

Blah Cultural

Larissa Bello

O nome Yorimatã é uma mistura de iorubá com tupi-guarani e é uma referência ao nome de uma de das músicas das compositoras e cantoras Luli e Lucina: “Yorimatã Okê Aruê”, que quer dizer “salve a criança da mata”. Essas duas figuras emblemáticas são fortes representantes do estilo hippie no Brasil, nos anos 70.

O cineasta Rafael Saar já dirigiu diversos curtas-metragens e já trabalhou com o diretor Joel Pizzini no documentário sobre Ney Matogrosso, “Olho Nú” (2014). Foi durante a pesquisa de trabalho no filme do Joel, que Rafael conheceu Luli e Lucina. As duas têm um peso enorme, não só na história da música brasileira, como na revolução comportamental que provocaram na época, e que ainda soa provocante até hoje. Rafael decide então fazer o seu primeiro longa-metragem sobre essas duas mulheres, que possuem um importantíssimo papel na história da música brasileira. O documentário tem circulado por diversos festivais, inclusive os de temática LGBT, como o 9º For Rainbow, em Fortaleza e o 23º Festival Mix, em São Paulo. Isso porque a história de Luli e Lucina é a constatação concreta da prática e vivência do amor livre. Luli já era casada com o fotógrafo Luiz Fernando da Fonseca quando ambos conheceram Lucina. A identificação musical das duas foi tão grande que acabou se estendendo também para a vida do casal, que transformou a relação em um relacionamento à três. O filme começa com uma longa cena das duas tocando violão e cantando. Somente depois é que o roteiro vai se desenrolando e vamos sendo apresentados a história musical e pessoal dessas duas mulheres. Para o espectador mais jovem e/ou leigo em MPB é realmente surpreendente conhecer a vastidão de composições que elas elaboraram para cantores como Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Joyce, Tetê Espíndola, entre outros. Sendo que esses cantores citados, inclusive, aparecem no filme, que mescla imagens de depoimentos das duas hoje em dia, com imagens de arquivo filmadas em Super 8 pelo marido de ambas. Luli e Lucina revolucionaram também musicalmente, pois foram uma das primeiras cantoras a lançarem um disco independente no Brasil. Isso porque elas sempre se recusaram a entrar nos moldes de exigência das gravadoras. Uma outra característica musical das duas é a habilidade nos tambores, tanto que passaram a produzir elas próprias este instrumento. As performances das duas no palco é algo hipnotizante de se ver. E foram também pioneiras ao comporem canções com adjetivos femininos, como ressalta Joyce em uma parte do filme. Assistir Yorimatã se faz de extrema importância para todos aqueles que se interessam por música, feminismo e liberdade. E o mais curioso é perceber, que mesmo tendo se passado algumas décadas, o quanto ainda estamos caminhando a passos lentos em temáticas como essas que estão presentes no filme.

CRÍTICAS



Papo de Cinema

Marcelo Müller

Há uma profunda ligação entre a natureza e a arte multifacetada da dupla Luhli e Lucina. Não à toa, as primeiras imagens de *Yorimatã* evocam essa cumplicidade. O cineasta Rafael Saar busca dimensionar as artistas como fenômenos espaciais, por assim dizer, ressaltando sempre que pode o valor delas para o meio, e vice-versa. Mesmo que haja suporte imprescindível dos depoimentos do agora, que dão conta de reavaliar o passado a partir de um distanciamento possível, os dispositivos que realmente importam para a beleza do filme são os fragmentos do ontem, de um tempo que deixou saudade. Demora-se intencionalmente no vislumbre dos shows iniciais e dos registros do cotidiano. A força da arte de Luhli e Lucina é desenhada na tela com uma reverência quase ritualística, necessária para que, ao menos minimamente, consigamos perceber com mais amplitude a expressividade de seus talentos.

Ao longo de *Yorimatã*, somos apresentados a essa trajetória marcada pela liberdade e por uma intenção irrefreável de cantar as coisas do coração com a mesma verdade com que se procura usufruir o amor. Assim como refutaram as gravadoras que tentaram de qualquer maneira colocar-lhes um cabresto, elas não ligaram para as convenções da sociedade quando se deram conta que a amizade havia virado amor. Luhli era casada com Luiz Fernando. Lucina, mais jovem, não hesitou em vivenciar com eles o relacionamento a três, numa comunidade fluminense afastada dos centros urbanos. As imagens de arquivo mostram ambas sendo mães dos filhos que ali cresciam, subsistindo do que a terra e o mar davam, aproveitando a aurora, muitas vezes, para dar vazão à criatividade, em composições que jorravam abundantes.

Yorimatã é formalmente moldado pela essência das retratadas. Vemos isso nas constantes associações poéticas entre imagens e palavras, e na maneira como o roteiro nega uma progressão estritamente cronológica e convencional. Ney Matogrosso, Tetê Espíndola, entre outros nomes mais ou menos conhecidos do grande público, aparecem para dar depoimentos. Estas participações externas são, geralmente, interações com Luhli e Lucina, pedaços de bate-papos do presente em que todos relembram o passado com um saudosismo não melancólico. Musicalmente falando, o filme é muito competente ao ressaltar a versatilidade da dupla. Elas trafegaram por diversas vertentes, negando rótulos e delimitações que pudessem restringir sua potência criativa. Singular, o trabalho com os atabaques só não chama mais atenção que a profundidade das letras e a beleza das melodias.

CRÍTICAS

YORIMATÃ

Em *Yorimatã*, fala-se muito de amor e pouco de sexo. Fica implícito, quando não ligeiramente explícito pelas carícias e os beijos na boca, que elas compartilharam um sentimento intenso, cujos lastros perduram até hoje. Luhli e Lucina viveram em função da arte e da vida, não fazendo muita distinção entre as duas. O documentário de Rafael Saar dá relevo considerável ao espírito de uma época pautada por formas menos automatizadas de estabelecer relações e fruí-las, uma era mais romântica e idealista. Outro mérito evidente é a valorização da importância musical de Luhli e Lucina. Cada fase sonora é registrada atenciosamente, com minutos preciosos rendidos à contemplação de gravações antigas que mostram a significância desse legado. Luhli e Lucina ganham uma homenagem à altura de sua envergadura artística.